

Um olhar Bakhtiniano sobre a construção vocal de pessoas com diversidade de gênero

Isadora Bitencourt ⁱ

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil ⁱⁱ

Resumo - Um olhar Bakhtiniano sobre a construção vocal de pessoas com diversidade de gênero

A voz é multifacetada, compreendendo sua materialidade fônica e a subjetividade do falante. Ela é única para cada indivíduo e serve como índice de presença na enunciação. Para pessoas transgênero, a voz é uma característica marcante do gênero em transição e uma queixa frequente na clínica fonoaudiológica. Embora haja uma lacuna nos estudos sobre a voz na linguística, filosofia e outras áreas, existem aproximações entre voz e linguagem. Este trabalho reflete sobre a voz transgênero como ferramenta de identificação, usando Bakhtin e o Círculo, focando nas relações sociais que permeiam o discurso dessa população. Serão abordadas entonação, vozes sociais, alteridade e corpo grotesco, com vinhetas clínicas para análise teórica dos efeitos da voz na identidade de gênero, alinhando-se às teorias bakhtinianas e destacando a voz na constituição do sujeito falante.

Palavras-chave: Voz. Discurso. Transgênero. Bakhtin. Social.

Abstract - A Bakhtinian look at the vocal construction of people with gender diversity

The voice is multifaceted, encompassing its phonic materiality and the speaker's subjectivity. It is unique to each individual and serves as an index of presence in enunciation. For transgender people, the voice is a notable characteristic of transitioning gender and a frequent complaint in speech therapy clinics. Although there is a gap in voice studies within linguistics, philosophy, and other fields, there are connections between voice and language. This work reflects on the transgender voice as a tool of identification, using Bakhtin and the Circle, focusing on the social relations in this population's discourse. Intonation, social voices, alterity, and the grotesque body will be addressed, with clinical vignettes for theoretical analysis of the effects of voice on gender identity, aligning with Bakhtinian theories and highlighting the voice in the constitution of the speaking subject.

Keywords: Voice. Speech. Transgender. Bakhtin. Social.

Resumen - Una mirada bajtiniana a la construcción vocal de personas con diversidad de género

La voz es multifacética, comprendiendo su materialidad fónica y la subjetividad del hablante. Es única para cada individuo y sirve como índice de presencia en la enunciación. Para las personas transgénero, la voz es una característica notable del género en transición y una queja frecuente en las clínicas de fonoaudiología. Aunque hay una laguna en los estudios sobre la voz en la lingüística, la filosofía y otras áreas, existen aproximaciones entre voz y lenguaje. Este trabajo reflexiona sobre la voz transgénero como herramienta de identificación, usando a Bajtín y el Círculo, enfocándose en las relaciones sociales que impregnan el discurso de esta población. Se abordarán la entonación, las voces sociales, la alteridad y el cuerpo grotesco, con viñetas clínicas para el análisis teórico de los efectos de la voz en la identidad de género, alineándose con las teorías bajtinianas y destacando la voz en la constitución del sujeto hablante.

Palabras clave: Voz. Discurso. Transgénero. Bajtín. Social.

Introdução

Pensar a voz pode parecer tarefa fácil do ponto de vista fisiológico, se for apenas considerada como onda sonora formada a partir do ar expulso pelos pulmões atravessando as pregas vocais. No entanto, como significar a voz? Eis o desafio lançado nesta reflexão. Fato é que a voz figura um objeto multifacetado e escorregadio, o qual não se esgota numa única área do conhecimento. Entretanto, há um ponto em comum a todas as áreas que se interessam pela voz: ela pertence ao ser humano em sua mais íntima singularidade.

No presente artigo, dediquei-me a refletir acerca de uma temática que mobilizou minha posição enquanto fonoaudióloga clínica de um ambulatório dedicado ao acolhimento de pessoas Trans, travestis e não binárias. As queixas relacionadas à voz de pessoas em transição de gênero ultrapassaram as barreiras físicas e acústicas as quais são objeto de conhecimento da fonoaudiologia. Para que o debate fosse possível, foi realizada uma análise sobre a relação voz e linguagem, a qual permite estabelecer uma concepção de sujeito que busca identificação através da voz.

Foi na tentativa de “(des)epistemologizar¹ a clínica”, utilizando um termo de Sofia Favero (2020), que a discussão proposta mergulhou nos estudos da linguagem, a fim de refletir sobre a queixa de voz trazida pelas usuárias do ambulatório de uma forma que contemplasse todas as vozes sociais² que estavam contidas em seus discursos.

As discussões sobre despatologização têm ampliado uma compreensão específica de cidadania para travestis e pessoas trans, de disputa e resgate a conceitos como autonomia e normalidade. Tais discussões geralmente se dão através do entendimento de que o enquadre psiquiátrico é capaz de produzir determinados contextos de vulnerabilidade, pois patologizar é um “fazer” que não se encerra na clínica. Pelo contrário, entende-se que a “patologia do gênero” diz respeito a um cenário bastante amplo, no qual estão situados os sujeitos do processo terapêutico, os operadores de saúde e os aparatos institucionais. Assim, é pouco prudente desenvolver um debate sobre despatologização que se reduza às paredes de um consultório, tampouco às diretrizes inscritas nos códigos psiquiátricos e psicológicos, uma vez que ela se refere a um quadro histórico e social (Favero, 2020).

Desenvolver contrapontos a um protocolo nosológico preestabelecido passou a ser o maior desafio dentro da clínica fonoaudiológica. Como tratar pessoas que não estão

¹ A autora, trans e psicóloga, como ela se apresenta, propõe o termo “(des)epistemologizar a clínica” numa tentativa de visão despatologizadora do ambiente clínico como forma de acolher o sujeito. “Nesse sentido, não basta agir acima do “objeto”, sendo necessário criar algo para lidar com uma linha de pensamento. Em outras palavras: é preciso superar a despatologização do gênero e caminhar em direção a uma despatologização epistemológica” (Favero, 2020).

² Conceito Bakhtiniano que será abordado ao longo do presente estudo.

doentes? Através da escuta de histórias, apresentadas tendo a voz como ferramenta de enunciação, de presença e sofrimento, foi iniciado o percurso de uma atuação pautada na subversão da norma.

Para Paul Zumthor, o lugar da voz é a linguagem. Em uma de suas teses sobre a voz, o medievalista afirma:

[...] a voz é uma subversão ou uma ruptura da clausura do corpo. Mas ela atravessa o limite do corpo sem rompê-lo; ela significa o lugar de um sujeito que não se reduz à localização pessoal. Nesse sentido, a voz desaloja o homem de seu corpo. Enquanto falo, minha voz me faz habitar a minha linguagem (Zumthor, 2018, pp. 83- 84).

O cerne desta discussão é justamente o local que a voz pode ocupar junto à linguagem, visto que ela se faz presente no ato enunciativo, logo, não podem ser vistas de forma dissociada. Assim como Zumthor afirmou em suas obras, outros estudiosos da linguagem também apontaram a presença da voz em suas mais variadas faces. Neumann (2016) reconhece o desafio de trazer a voz como objeto dos estudos da linguagem, mas afirma que a voz se torna, portanto, “o lugar privilegiado da constituição de subjetividades” e que essa é uma “constatação que questiona a sua consideração simplesmente enquanto som”. A voz não está sozinha, assim como não pode ser considerada neutra e tampouco apenas emissão acústica. A voz é inesgotável e percorre caminhos teóricos nas mais diversas áreas de conhecimento, contudo, não há como detalhar a voz sem fazer uso da linguagem.

Há que se beber de outras fontes, outras ciências, para dar conta da aproximação entre voz e linguagem que estamos propondo neste estudo, visto que os estudos da linguagem apresentaram certo silenciamento em relação à voz. Talvez um “transbordamento disciplinar”, como sugere Flores (2019), explique o fato da voz ter sido excluída dos estudos da linguagem em geral e da linguística em particular.

As disciplinas linguísticas que poderiam se deixar tocar pela voz - a fonética e a fonologia são exemplos disso - nada mais fazem do que desviar, na abordagem que dão ao tema, da realidade dos falantes em favor de uma abstração - o sistema fonológico de uma língua, as dimensões articulatória, auditiva e acústica da voz. O linguista, quando pensa falar em voz, limita-se ao fonema, à prosódia, ao suprasegmental etc (Flores, 2019, p. 252).

O autor e professor de linguística afirma que a questão relacional e singular da voz passa despercebida aos estudos da linguagem, pois “o gesto de reconhecimento da vinculação da voz ao falante é exatamente o mesmo que a exclui da linguística” (Flores, 2019, p. 254). Ou seja, os traços de individualidade do falante, percebidos na voz, travam um embate no horizonte linguístico, com o qual, até então, o linguista não estava

acostumado a lidar. O mais próximo que a linguística chegou da singularidade do falante foi através dos estudos prosódicos. As demais disciplinas linguísticas “desviam da realidade do falante em favor da abstração, seja da língua como sistema, seja do falante como mero *enunciador, locutor, emissor* etc.” (Flores, 2019, p. 255, grifos do autor).

Dito isso, nossa busca itinerante por um espaço para a voz, em específico a voz da pessoa Trans, acabou por encontrar abrigo no horizonte dos estudos bakhtinianos. A concepção de linguagem desenvolvida pelo hoje denominado Círculo de Bakhtin, um grupo de intelectuais russos, parte do que está materialmente expresso, do linguístico para o translinguístico, visto que vai além do sistema. A língua parte do solo social e se contextualiza a partir disso, constituindo o sujeito.

Os pressupostos do dialogismo, entendido como a principal base das formulações do Círculo de Bakhtin, são relevantes para a fonoaudiologia e sua prática. Faz todo sentido, sob um olhar clínico integrativo, utilizar uma concepção de linguagem que se desenvolve sob uma perspectiva que entende que a linguagem acontece de fato nas relações entre os sujeitos. Para Bakhtin, o enunciado, que é sempre passível de resposta, contempla o sentido, sendo necessário considerar o horizonte social e o contexto sócio-histórico ideológico para a construção desse sentido, extrapolando os limites da língua-sistema. Isso parte de um entendimento da língua em funcionamento, enquanto veículo de significações ideológicas (Bakhtin, 2016; Volóchinov, 2018), sendo utilizada pelo sujeito, diferentemente de uma análise que considera os signos em um sistema fechado (Cardoso, 2002).

A fonoaudiologia, por ser considerada uma ciência da comunicação, se beneficia de um olhar clínico para o funcionamento das relações sociais em que considera que diversos são os fatores que impactam diretamente um sintoma. A proposta de acolhimento do sujeito dentro de seu contexto social e suas relações, como propuseram os intelectuais russos, interessa muito a esse estudo, pois apesar de existirem pesquisas que correlacionam dialogismo e fonoaudiologia (Cardoso, 2002; Santana; Santos, 2017; Oliveira, 2021), colocando o paciente como sujeito de discurso e protagonista dentro da clínica, há um escasso arcabouço teórico que explore o sujeito com diversidade de gênero.

Voz Trans: patologizando identidades

Em sua obra *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*, Guacira Lopes Louro (2021) inicia o debate com uma interessante narrativa acerca dos “viajantes pós-modernos” e utiliza a metáfora da viagem para refletir sobre trajetórias e novas formas de ver o mundo. Para a autora, a repressão dos corpos já não é completamente suficiente para conter os “aventureiros ou desviantes”, aqueles e aquelas que subvertem às regras impostas por uma matriz heterossexual (Louro, 2021, p. 17). Viajar, metaforicamente, por entre as identidades, pode ser entendido como se colocar à deriva, à margem, quando o centro se torna um local desconfortável à sua existência. Os *viajantes* de Louro (2021) são detentores do contraste, da subversão e dos confrontos. A transitoriedade desses sujeitos acaba por confundir as regras na tentativa de cruzar fronteiras.

É possível recorrer a essas representações para pensar, também, os sujeitos transgressivos de gênero e sexualidade. Esses sujeitos, frequentemente, recusam a fixidez e a definição das fronteiras e assumem a inconstância, a transição e a posição “entre” identidades como intensificadoras do desejo (2021, p. 21).

Os corpos dissidentes acabam sendo agenciados em relação às normas de gênero impostas, vendo-se obrigados a cumprir papéis sociais definidos por uma superfície de subjetivação linear dentro de um sistema controlador. O título desta seção se refere à voz das pessoas Trans, mas achamos por bem mapear a inscrição dos sujeitos nessa redoma que se articula no interior das relações de poder e que se instauram por meio da linguagem. A busca por uma adequação vocal passa por esse desejo, que aqui não afirmo ser determinista ou por escolha, de ser compatível à identidade com a qual o sujeito se percebe.

Ao estabelecer como objetivo último da transição a possibilidade de ‘passar por cis’, a experiência da passabilidade como horizonte normativo acaba por definir e aplicar valores aos corpos e, por conseguinte, aos próprios sujeitos, explicitando relações de hierarquia. O uso de hormônios ganha contornos em um cenário que intensifica competições e atualiza relações de poder (Pontes & Silva, 2017).

A utilização de hormônios, como citado acima, bem como outras ferramentas anexadas à produção de corporalidades, resulta num sujeito que “é ao mesmo tempo um produtor e um intérprete de signos, sempre implicado em um processo corporal de significação, representação e autorrepresentação” (Preciado, 2008).

A voz, por ser uma importante marca da expressividade de gênero, não escapa de um movimento representativo. O processo de transição de gênero encontra diversos obstáculos pelo caminho, sendo a voz uma das principais características físicas que

dificulta e até impede que as pessoas sejam reconhecidas de acordo com sua identidade de gênero. Como bem afirmam os autores Barros Filho *et al.*, (2004, p. 99), “O tipo de punição para quem infringe uma norma fonética é, na grande maioria das vezes, social. Um olhar de repreensão. Uma desaprovação verbal”. Fatores importantes que geram desconfortos no processo de enunciar a própria voz.

Os mesmos autores, numa abordagem que propõe a construção social da voz tal qual estamos exercitando nesse estudo, tecem importante crítica ao “biologismo presumido” a partir do qual a voz é estudada, em que sua produção acaba sendo relegada institucionalmente a causas de ordem orgânica. Situações patológicas são descritas quando a manifestação vocal é vista como desviante. Ao longo da produção científica da fonoaudiologia foram sendo desenvolvidos estudos com enfoque nas estruturas do aparelho fonador e suas características anatomofisiológicas, parecendo mais eficiente estabelecer as causas de determinadas manifestações vocais a partir de uma categorização do saber hegemonicamente centralizado na medicina. Saber esse que relegou a voz a um quase esquecimento de sua produção como aprendizado oriundo da socialização. São raras as análises sobre o uso social da voz (Barros Filho *et al.*, 2004).

De acordo com Moog e Sund (2021), dentro da comunidade de pessoas transgênero, não binária e expansiva de gênero, a voz é um fator importante e até 96% dos indivíduos relatam experimentar incongruência entre voz-gênero em algum momento. Além da disforia causada por essa incompatibilidade entre a voz esperada para determinado gênero, a saúde mental dessa população vulnerável é extremamente afetada por esse aspecto.

A voz nos estudos linguísticos

Um de nossos objetivos é entender os caminhos pelos quais se pode conceber a voz como objeto a ser abordado dentro dos estudos linguísticos. Dessa forma, pensamos que a voz não se limita apenas a ser o espaço que identifica as unidades linguísticas elementares, mas sim o abrigo de diferentes efeitos de sentido sobre o falante. A filósofa Adriana Cavarero problematiza a ausência da voz nos estudos, tanto filosóficos, quanto linguísticos. A autora menciona que o *logos* perdeu a voz (2011, p. 50), numa crítica à desvocalização do discurso, sobretudo com prejuízo do plano acústico da palavra. Flores (2019, p. 252) menciona que “o linguista quando pensa falar em voz, limita-se ao fonema”, visto que as disciplinas linguísticas

que traçam alguma aproximação com a voz - a fonética e a fonologia - limitam-se a transcrever e descrever a fala desvinculada de sua origem sonora. Ou seja, “a voz como som em processo é apagada a fim de ser concebida como dicção cuja materialidade constitutiva reside na estrutura gramaticalmente ordenada das palavras” (Souza, 2014).

A propósito dos estudos que acusam um silenciamento da voz nos estudos linguísticos, já é possível perceber certa conciliação em pesquisas mais recentes que buscam rastros de presença da voz. Neumann (2018) aponta para a potencialidade de se pensar na singularidade da voz a partir do trabalho do linguista Émile Benveniste. Ao pensar a voz a partir do domínio semântico, ou seja, do discurso (Benveniste, 2006, p. 65) é possível buscar sustentação teórica para pensar na porção singular da realização vocal, ao passo que “a ordem semântica se identifica ao mundo da enunciação e ao universo do discurso” (Benveniste, 2006, p. 66). Sobre a enunciação, o linguista aponta que ela acontece quando a língua é posta em funcionamento através de um ato individual. “O mais imediatamente perceptível e o mais direto - embora de um modo geral não seja visto em relação ao fenômeno geral da enunciação - é a realização vocal da língua” (2006, p. 82). Embora Benveniste atente para uma prática científica que busca “eliminar ou atenuar os traços individuais da enunciação fônica” ele chama atenção para o fato de que “para o mesmo sujeito, os mesmos sons não são jamais reproduzidos exatamente, e que a noção de identidade não é senão aproximativa mesmo quando a experiência é repetida em detalhe” (2006, p. 83). Ou seja, os traços e as marcas da voz e de suas potencialidades estão impressas nas mais variadas teorias linguísticas e, como menciona o semioticista Herman Parret (2002, p. 23), “tudo dependerá evidentemente da definição de voz que se precisará construir, na sua relação com a sonoridade e com o ruído”.

Conforme ressaltado por Surreaux (2013), a fonologia como área da linguística que trata dos aspectos sonoros da língua foi amplamente abordada por Ferdinand de Saussure em seu primeiro curso de linguística geral. Saussure, considerado um dos precursores na área, se dedicou à organização da língua enquanto sistema abstrato de regras e convenções, em busca de conferir cientificidade à abordagem adotada para investigação linguística. O mestre genebrino deixou em seu legado diversas pistas fônicas que, através dos estudos sincrônicos e diacrônicos de uma língua, são possíveis de serem captadas pelos pesquisadores. Milano (2015) destaca que

o fato fonológico para Saussure é sustentado pela consideração simultânea da produção do som e do efeito que ele produz. Para tanto, o mestre enlaça na unidade fonema a relação entre o som e a significação. [...] Ou seja, o laço entre a realização articulatória e o efeito causado no ouvido pela produção sonora vem a

resultar na noção de impressão acústica, elemento integrante da definição de signo linguístico. É possível depreendemos dessa constatação o fato de que Saussure, ao definir a unidade com a qual trabalha o linguista, considere simultaneamente os aspectos concretos e abstratos da porção significante do signo linguístico (Milano, 2015).

Assim como a autora reconhece que Saussure indica caminhos metodológicos sobre o aspecto fônico das línguas, outros pesquisadores partem em busca, de forma concreta ou abstrata, das marcas deixadas nos estudos linguísticos que possibilitem interpretações acerca de pistas sonoras, acústicas, vocais etc.

O sujeito se constitui na voz

O linguista francês Émile Benveniste, em seu ensaio “*Da subjetividade na linguagem*”, afirmou que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito”, e nesse exercício de singularidade do ato enunciativo é que, assim como propôs Kloss (2018), queremos destrinchar a voz como um índice de presença do sujeito na linguagem. Ainda que essa presença seja recente, pois como afirma Flores (2019, p. 248) “a voz humana é uma desconhecida tanto dos estudos da linguagem em geral quanto dos estudos da linguística em particular”, foi na linguagem que encontramos possibilidades de entender a voz com outro olhar. Contudo, não estamos tratando de qualquer voz, assim como não pedimos licença a qualquer linguística. O paradoxo traçado neste estudo vai ao encontro de uma potencialidade vocal que compõe um corpo em transição, um corpo Trans. A linguagem que comporta sujeitos divergentes considerando seu ambiente social de realização é uma linguagem aberta a receber o falante em seu contexto integral, corpo-voz-sociedade-história. Assim como Surreaux (2006) olhou para o sintoma apresentado pela linguagem em funcionamento como uma forma singular do sujeito se manifestar, entendendo que a falha é um modo de aproximação e presença, nosso entendimento da voz que não atinge as expectativas do ouvinte vai pelo mesmo caminho. Essa falta/falha não caracteriza patologia. O filósofo italiano Corrado Bologna, em sua obra sobre a metafísica e antropologia da voz, afirma:

Antes mesmo que a linguagem comece e se articule em palavras para transmitir mensagens na forma de enunciados verbais, a voz sempre se originou, existe um potencial de sentido, vibra como um fluxo indistinto de vitalidade, pulsão confusa de querer-dizer, de exprimir, isto é, de existir. Sua natureza é essencialmente

física, corpórea; relaciona-se com a vida e a morte, com a respiração e o som; é emitido pelos mesmos órgãos que presidem a nutrição e a sobrevivência (Bologna, 1992, p. 23).

Para o autor, antes de ser um suporte e um canal de transmissão das palavras através da linguagem, “a voz é um grito imperioso de presença”, responsável, entre outras coisas, por identificar aquele que enuncia, ao que conclui também o medievalista Paul Zumthor: “a voz utilizando a linguagem para dizer alguma coisa, se diz a si própria, se coloca como presença” (Zumthor, 2005, p. 63).

O presente estudo entende a voz a partir de uma capacidade socialmente orquestrada de representar o mundo, “dependente da singularidade dos encontros, dos interlocutores, dos instantes e locais de interlocução”. A voz que aqui é apresentada não se afasta do social, visto que ela é responsável por identidades que estão em constante confronto com outras vozes. O discurso, local onde a voz encontra espaço para se expressar, acontece nas relações sociais entre enunciados e enunciatários.

O sujeito de discurso não reproduz simplesmente o mundo social em que está situado, tampouco somente o reflete. O material semiótico contido no discurso é rearticulado a cada nova enunciação, sendo inédito a cada novo ato, transformado, recriado e refratado

Refração é atualização criativa. Uma potência atualizada, que ganha forma, no instante. Enunciar um discurso é sempre atualizar uma potência discursiva [...] Para isso, a voz. *Potência fonética atualizada* (Barros Filho *et al*, 2004, p. 98, grifos nossos).

O conceito de refração aqui mencionado refere-se ao que diz Volóchinov em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* e nos leva a considerar pegar de empréstimo os conceitos dessa teoria desenvolvidos pelos membros do Círculo de Bakhtin. A enunciação é capaz de representar uma determinada realidade, e quando refratada no discurso, ressignifica seu sentido. Portanto, o extrapolamento de sentidos necessário para significar a voz, em especial a voz Trans, faz apelo a esse exercício de deslocamento teórico, buscando significar os sujeitos no ambiente social.

O Círculo de Bakhtin e a conceitualização da voz

Mikhail Miháilovitch Bakhtin (1895-1975) foi um filósofo da linguagem de origem russa, cujas discussões e teorias relacionadas à literatura e à linguagem têm, até hoje, grande importância e relevância nos estudos discursivos, dentre outras muitas áreas de interesse. Bakhtin fez parte de um grupo de intelectuais, chamado hoje de Círculo de Bakhtin. Boa parte dos integrantes nasceu em meados de 1890 e se reuniu regularmente entre 1919 e 1929. O grupo constituía-se de profissionais de diversas áreas do conhecimento, sendo Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Volóchinov e Pavel N. Medviédev os três de maior interesse para o nosso estudo. O arcabouço teórico-reflexivo desenvolvido pelos membros do Círculo foi difundido em grande escala numa transdisciplinaridade de campos de saber, como na linguística, na literatura, na psicologia, na antropologia, na educação, entre outros. Os percalços enfrentados por eles, como a prisão e o exílio de Bakhtin no Cazaquistão e as mortes prematuras de Volóchinov e Medviédev refletiram na circulação das obras e no debate de suas ideias. A publicação das obras, assim como a disputa pela autoria, foram bastante tumultuadas. O terreno do pesquisador que trabalha com as produções do Círculo é bastante instável, pois é comum se deparar com textos incompletos e certa confusão na cronologia das obras, na tradução e na não linearidade das produções (Faraco, 2009, p. 11-15; Grillo, 2017, p 7-8).

Os intelectuais mergulhavam em discussões filosóficas e críticas de autores contemporâneos a eles, e como acrescenta Faraco (2009, p. 14), a paixão pela linguagem invadiu os interesses do Círculo, sendo debatidas algumas correntes de estudo muito importantes naquele contexto histórico - e que ainda hoje são importantes nos estudos sobre a linguagem. Desse modo, portanto, os autores do Círculo debatiam sobre o caminho percorrido pela linguística até aquele momento e quais as implicações dessas ideias para os estudos sobre a língua/linguagem³.

Uma das críticas que tecem Bakhtin e Volóchinov tem relação com a ideia de sistema enquanto um fenômeno objetivo. Não estamos afirmando que não havia sistematização no funcionamento discursivo bakhtiniano, mas sim que a originalidade de seu pensamento

³ Para os autores, língua e linguagem possuem uma mesma palavra de origem russa - *iazik* - e as autoras Sheila Grillo e Ekaterina V. Americo ora traduzem como língua, ora como linguagem, a depender do contexto (N.T. Volochinov, 2019, p. 234).

estava justamente na análise dessa sistematicidade sob a ótica do discurso cotidiano. Para Volóchinov (2017) o sentido de uma palavra varia segundo o contexto e os sujeitos sociais envolvidos no discurso.

A consideração da avaliação social é necessária justamente para compreender a formação histórica do tema e das significações que o realizam. A formação do sentido na língua está sempre relacionada com a formação do horizonte valorativo do grupo social (2017, pp. 237-238).

Outra perspectiva bakhtiniana, trazida por Brait (2005, p. 26), demonstra que para o mestre russo a especificidade das ciências humanas é o fato de seu objeto ser o texto (o discurso), ou seja, as ciências humanas se voltam para o homem. A autora também menciona que ao extrapolar alguns limites da linguística, sua teoria ficou conhecida como teoria do discurso (metalinguística)⁴. Isso quer dizer que Bakhtin esboçou como eixo de seu pensamento o traço heterogêneo constitutivo da linguagem e, para isso, mergulha nas mais variadas epistemologias. Isso quer dizer que Bakhtin esboçou como eixo de seu pensamento o traço heterogêneo constitutivo da linguagem e, para isso, mergulha nas mais variadas epistemologias. Importante fazer um gancho sobre a questão da metalinguística, pois ao defini-la, Bakhtin entendia a filosofia como externa à linguagem e a todas as outras ciências, situando-a em um “entre-lugar”.

As funções sociais e ideológicas são caras a Bakhtin, pois, para ele, importava conhecer o sujeito que dá vida à dialogicidade contida nas formas de organização do texto, interpretando e compreendendo. Para ele, o dialogismo é constitutivo da linguagem, de tal forma que só concebe o discurso que ocorre entre dois interlocutores, pelo menos. Como sugere Orlandi (2005, p. 39), não é de se admirar que Bakhtin trabalhe conjuntamente com a língua, a literatura e o social. O sujeito, para Bakhtin, nunca pode ser considerado em um contexto isolado e individual, pois o dialogismo estabelece que a interação verbal está no centro das relações sociais.

Apesar de não ter se ocupado diretamente da oralidade, priorizando a literatura, Bakhtin refere-se frequentemente a temas relacionados à fala, voz e entonação. A concepção de linguagem para Bakhtin considera o uso da língua em seu funcionamento real. A materialidade real que aborda considera o locutor e o direcionamento da mensagem. Todos os elementos envolvidos são analisados dentro de um contexto social, histórico e

⁴ Beth Brait, na mesma obra, menciona que Todorov prefere os termos translinguística e pragmática, mas que “optou-se por teoria do discurso”.

ideológico. Isso vale tanto para os elementos verbais como não verbais. Médviedev (2012) afirma que a avaliação social não é atributo somente da poesia, mas sim da palavra viva que compõe o enunciado concreto e singular. Bakhtin, assim como Médviedev, não aceita um enunciado dotado de significado que não passe pelo crivo da avaliação social. Para o autor, o acontecimento da linguagem é definido a partir das relações dialógicas que estabelecem o sentido entre os enunciados na interação verbal. O diversificado percurso reflexivo dos autores configura uma heterogeneidade dos graus de representação da linguagem no mundo, as quais buscaremos traçar um breve panorama e uma síntese das ideias mobilizadas por eles.

Topologia vocal: mapeando a presença da voz no Círculo de Bakhtin

A questão social, a partir da palavra alheia (vozes alheias), está sempre permeando os discursos. Para Véronique Dahlet⁵ (1997), um dos conceitos centrais do pensamento bakhtiniano é o de voz, que vai permitir definir, a partir do dialogismo, a polifonia⁶ da palavra. Ela acrescenta:

[...] é interessante notar essa atitude terminológica que consiste em recorrer ao registro metafórico da voz para circunscrever esse objeto-palavra do qual nem a semântica sincrônica ou diacrônica, nem a dupla conotação/denotação, nem a sociolinguística dariam conta. Assim sendo, o pensamento de Bakhtin está imerso num universo acústico, saturado de vozes, em uma relação dialógica concordante ou discordante (Dahlet, 2005, p. 250).

A autora ainda menciona que para Bakhtin “é pela mediação da entonação que o corpo e especialmente os órgãos da fonação são despertados” (Bakhtin, 2015, p. 255), ou seja, mesmo sem falar na voz propriamente dita, Bakhtin acaba frequentemente evocando-a em seus textos.

No último texto da vida de Bakhtin, publicado em 1975, *Por uma metodologia das ciências humanas*, o autor reafirma sua ideia sobre a impossibilidade de um enunciado que não subentenda o sujeito, pois para ele “O objeto das ciências humanas é o ser *expressivo e falante*” (2017, p. 59). Bakhtin (2016, p. 113) afirmou que “A compreensão sempre é prenhe de resposta. Na palavra do falante há sempre um elemento de apelo ao ouvinte, uma diretriz

⁵ Dahlet esclarece que o sentido de voz em Bakhtin tem um significado metafórico, visto que não se trata propriamente da emissão sonora, mas de uma memória semântico-social depositada na palavra.

⁶ O conceito de polifonia foi pensado por Bakhtin na análise da obra de Dostoiévski, onde sustentava a ideia de que todo texto é composto por diversas vozes e é um objeto heterogêneo que se reconfigura a partir de outros textos que o precederam, dialogando com eles e retomando-os.

voltada para a sua resposta”. Esses dois objetos, a voz (aqui no sentido de expressão vocal) e a linguagem, podem servir como ferramenta que possibilita exercer uma relação entre dois (ou mais) seres sociais. A voz está ganhando espaço dentro dos estudos das ciências humanas.

Dentro do dispositivo bakhtiniano não faltam elementos instigantes para a questão da voz debatida nesse estudo. A problemática proposta é a de interrogar a voz e sua capacidade de significar para o outro. De minha parte como autora-fonoaudióloga, atuando como porta-voz dessa possibilidade de construção etnográfica⁷ de uma voz em transição, reparo a necessidade de estabelecer um entrelaçamento de questões teóricas que sustentem o movimento do uso da voz para falar da própria voz. Flores (2015) discorre sobre a capacidade do sujeito comentar sobre a voz, propriedade metalinguística utilizada para atribuir sentido à materialidade significativa da língua.

Tal atribuição de sentido é, segundo penso, um *contorno* que o falante faz acerca de algo que não é evidente na língua, a sua materialidade, a respeito do que ele parece não ter a mesma familiaridade que tem quando o que está em causa é o signo em sua função de signo (Flores, 2015, grifos do autor).

Faz todo sentido para esse estudo pensar na elaboração do autor referido, pois é justamente sobre comentar os elementos da língua que justifica a capacidade de um sujeito enunciar sobre a sua voz ou a voz de outro. Assim como a noção de acabamento bakhtiniana, a qual veremos mais à frente, o exercício linguístico de contorno [de sentido] nada mais é que um testemunho da experiência do falante enquanto falante-ouvinte. Nessa concepção, para enunciar o falante utiliza sua voz e se situa nessa condição de falante através do contorno de sentido (Flores, 2015). Até aqui caminhamos em equidade com a formulação do autor sobre a materialidade da voz, entretanto, chegamos numa bifurcação de pensamentos para seguir por um caminho que abrace e acolha o social, a um ponto que nos permita entender as implicações para a voz Trans.

⁷ Flores (2015) discorreu sobre uma antropologia da enunciação, que visa abordar a propriedade metalinguística da língua, onde o falante é o etnógrafo de sua própria língua. Esse artigo foi fundamental para levantar questionamentos sobre uma reflexão linguística da voz.

Envozeirar as identidades

Os relatos e os desconfortos identitários de pessoas Trans com suas vozes, vivenciados na clínica ao longo dos últimos anos testemunharam sobre a questão da voz Trans de forma tão íntima que, a partir disso, estabeleci questionamentos e dediquei maior atenção ao tema. Colocar a voz de pessoas Trans no centro de uma discussão suscita, através da materialidade ideológica dos diálogos, um exercício de ativismo político de ordem sociocultural.

Parte-se do pressuposto que a voz é completa e complexa ao mesmo tempo, ela não falta a esses sujeitos e não deve ser pensada de maneira isolada, fora de contexto, sem considerar a totalidade dos aspectos que a envolvem, especialmente quando se trata de sujeitos cujas vivências no mundo e pertencimento social são diretamente ligadas à voz.

Adentrando a reflexão entre voz e gênero, adotamos a perspectiva de David Azul (2014; 2016), em que o autor estabelece a noção de *situações vocais de pessoas com diversidade de gênero*, e questiona a normatividade na caracterização de vozes humanas em relação às vozes generificadas.

Quando pensamos na singularidade da voz humana facilmente caímos na tendência de admitir que as características vocais já predizem um gênero, sem analisar criticamente tal suposição, assumindo que a voz obrigatoriamente reflete o gênero de uma pessoa. Estamos facilmente convencidos, como afirma Azul (2013), de que a nossa percepção das diferenças no tom de voz de homens e mulheres tem origem em um fenômeno natural, causado biologicamente pela anatomia. Assim como propõe o autor, entendemos o gênero vocal como produto de uma negociação da interação entre falante e ouvinte, “de modo que tanto o gênero vocal como a natureza deste processo de negociação, variam de acordo com o parceiro de conversação e o contexto cultural” (Barros, 2017). A partir dessa interação, justifica-se o uso do termo “situação vocal”, pois entende-se a voz numa posição não estática, flexível e influenciada pelo contexto do acontecimento discursivo.

Seguindo a visão de que o gênero de uma voz é resultado de um comportamento ou de um fazer, e não das características biológicas das pessoas, não apenas o falante, mas também o ouvinte, são vistos como ativamente envolvidos na generificação da voz humana (Azul, 2013). Retomando a questão de acabamento para Bakhtin, numa lógica de validação e aceitação a partir do outro, podemos encaixar o ouvinte (ou interlocutor) como participante ativo do processo. A atribuição de gênero refere-se a práticas de percepção,

interpretação, encaminhamento e abordagem por meio das quais se dá a existência de uma pessoa em termos da nossa compreensão de gênero, e então a classificamos como membro de um determinado grupo (Azul, 2016). Esses sentidos não surgem de modo imediato, mas refletem e refratam a realidade.

Há sempre um conflito que se instaura no momento em que uma pessoa Trans, por exemplo, ao falar, causa desconforto pelo tom de sua voz ser incongruente com a aparência física. O estranhamento de si, a partir do outro, começa na relação conflituosa que o outro propõe quando coloca em dúvida a identidade daquele sujeito. E isso causa um efeito na pessoa que enuncia. De algum modo, esses discursos vão sendo repetidos, incorporados nas relações discursivas e se tornam rotineiros, levando os sujeitos a negar aspectos importantes de sua identidade (como a voz) para serem aceitos. A partir do produto das relações entres seres, que são sempre sociais, como nos diz Bakhtin, há uma valoração que ocorre através da voz. Esse objeto sinfônico carrega a potência de impor sua presença manifestada na sonoridade.

Disfonias e disforias

“*Essa voz não me representa*”. “*Minha voz entrega que sou Trans*”. Há muitas vozes que ecoam nesses relatos, pois podemos perceber que a motivação para essa não aceitação da própria voz parecer ter um caráter alteritário. Tentar definir uma voz é como tentar aprisioná-la, assim como são aprisionados os corpos de pessoas Trans. A voz está presente e isso é inegociável, assim como suas identidades. A voz anseia por libertação, quase como um fluido que escapa por todos os lados. Esse anseio começa a ficar explícito em outros diálogos que chegaram até mim: “*Eu tenho vontade de mudar minha voz, mas não muito, só um pouco assim*”. “*Eu até gosto da minha voz, eu só não gosto quando eu falo e me olham estranho*”. Ou seja, o olhar e o julgamento do outro parecem incomodar mais do que o tom de voz propriamente dito. O embate entre essas diversas vozes sociais atravessa o discurso, ao passo que elas mesmas demarcam algumas posições enunciativas em contradição, visto que ora relatam incômodo com sua situação vocal, ora jogam o incômodo para o acabamento dado pelo outro, aquele que julga, condena e alimenta ações preconceituosas contra elas.

Assim, o sujeito trans se constrói pela assimilação de várias vozes sociais, que remetem a determinações socioculturais em torno do discurso médico, ou seja, remetem às configurações assumidas por esse discurso ao longo da história (Sousa, 2020, p. 9).

O discurso médico a que o autor se refere faz parte das forças de unificação que entram em conflito numa arena ideológica de disputa dos sentidos, assim como o discurso religioso, político etc. Da mesma forma que indica Bakhtin (2015, p. 48) sobre o discurso concreto (enunciado) quando encontra o objeto para o qual se volta, já o encontra difamado, contestado, avaliado, envolvido pelos discursos alheios que já externalizaram opiniões, pontos de vista, avaliações e acentos a seu respeito.

Visto que a linguagem coloca a interação verbal como fator crucial na formação da consciência, Bakhtin entende a língua como veículo de significações ideológicas que emerge a partir da interação verbal entre sujeitos e entre discursos. Nossas vivências são propiciadas, desse modo, pela interação verbal. O ser humano é formado na relação de alteridade e todas as suas ações e papéis em diferentes aspectos da sociedade são influenciados por discursos alheios e por vozes sociais. Por conseguinte, Bakhtin descreve a forma como o discurso nos permite compreender que nossa participação em diferentes áreas da vida social define nossa identidade, como avaliamos os outros e como pensamos que eles nos avaliam, o que desencadeia um ciclo contínuo de (re)construção de identidades (Pinheiro, 2008).

Um atravessamento de vozes

A linguagem, para Bakhtin (2002, p. 89), é um produto da atividade humana coletiva, refletindo todos os aspectos da vida social, no qual o discurso é sempre orientado para uma resposta. A “minha voz alheia”, como sugere o autor Mozdzenski (2010), refere-se à importância do discurso do outro em nosso próprio discurso, o que demonstra a não neutralidade dos discursos. A voz carrega sentidos que vão além do aspecto sonoro, pois nos remonta às singularidades dos sujeitos, ao papel social que estes representam. Dessa forma podemos reconhecer alguém apenas pela voz em virtude do peso identitário confiado às características vocais.

Sob a ótica bakhtiniana, essa mescla de vozes sociais pode ser melhor visualizada no modelo de *situações vocais* de Azul (2016), conforme já mencionamos, pois o autor avalia as situações de comunicação e a influência das expressões de gênero nas identidades vocais.

Uma emissão vocal associada à expressão de gênero, não necessariamente está sob o controle da pessoa que fala e, mais que isso, as interpretações dadas a esta expressão dependem do interlocutor e da própria situação de comunicação. Assim, o modelo entende que o interlocutor no momento da interação de comunicação influencia a discursividade expressa através da voz e dos maneirismos (Barros, 2017).

Os atravessamentos impostos durante a interação social influenciam o modo como o locutor move seu corpo e seu aparelho fonador, de forma a sincronizar sua expressão de gênero de acordo com a situação vocal em que se encontra, buscando uma conformidade entre a expressão de gênero e a expressão vocal. Essa negociação entre os envolvidos no processo dialógico varia de acordo com o parceiro de conversação e a situação/local em que se encontram (Barros, 2017).

Nossas hipóteses e formulações sobre a voz são preenchidas pelas ideias do Círculo de Bakhtin numa tentativa de elaborar um entendimento a um questionamento similar ao que David Azul (2013) elaborou em seu artigo denominado *How Do Voices Become Gendered?*⁸. O autor realizou um itinerário teórico buscando a origem das exigências binárias sobre a voz. Visto que pessoas com diversidade de gênero desafiam a norma padrão de um sistema social hegemônico e binário, talvez a resposta do sistema e da sociedade seja justamente devolver para esses sujeitos uma nova forma de normatização “uma vez que não se poderia transpassar a estrutura binária na medida em que se mantivessem traços de ambiguidade quanto ao gênero que se deseja vivenciar” (Bitencourt; Santos, 2019). Sabemos que as possibilidades de apresentação das identidades são infinitas, pois os corpos são capazes de performar o que quiserem. É essa ilusão de liberdade que exige uma reação do sistema social, que instaura sobre a voz uma ideia de distúrbio vocal onde as características sexuais da voz estão em desacordo com a identidade de gênero do falante (Azul, 2013). Todo discurso é constituído a partir de discursos alheios que antecederam ou sucederão o acontecimento do enunciado, sempre orientado para uma resposta, como refere Bakhtin (2016, p. 113). Tais discursos estão, além disso, em uma relação direta com aquele a quem o enunciado se endereça - um diálogo (no sentido mais amplo) entre discursos e entre interlocutores, permeados pela cultura.

Em um estudo realizado por Azul e Hancock (2020) os autores trazem à tona uma conceitualização da diferenciação social do falante (em termos de gênero, idade, etnia, saúde e doença) a partir de algo que precisa ser praticado e produzido, diferentemente de

⁸ “Como a voz se torna generificada?” (Tradução minha).

uma consideração biológica ou natural. Essa lógica construcionista proposta pelos autores se reflete nas noções de identidade, voz e comunicação. A estrutura da investigação se baseou no conceito de “agência”⁹, entendido como a capacidade de agir, e foi abordado a partir de uma perspectiva antropológica e linguística. Isso significa dizer que a interação entre o comportamento vocal do falante, as atribuições categóricas dos ouvintes e as normas de gênero impostas moldam o gênero vocal do falante. Da mesma maneira, para Bakhtin, a própria natureza da interação é da ordem da entonação, uma vez que “o uso da voz exprime a avaliação social” (Dahlet, 2005, p. 252).

As tonalidades dialógicas preenchem um enunciado e devemos levá-las em conta se quisermos compreender até o fim o estilo do enunciado. Pois nosso próprio pensamento — nos âmbitos da filosofia, das ciências, das artes — nasce e forma-se em interação e em luta com o pensamento alheio, o que não pode deixar de refletir nas formas de expressão verbal do nosso pensamento. O enunciado do outro e a palavra do outro, conscientemente percebidos e distinguidos em sua alteridade, e introduzidos em nosso enunciado, incutem-lhe algo que se poderia qualificar de irracional do ponto de vista do sistema da língua. A entonação é um fato particularmente sensível e se refere sempre a mais além do contexto (Bakhtin, 1997, p. 318, grifos do autor).

O molde aplicado às exigências vocais advém desses valores que emolduram a significação dos signos em uma dimensão axiológica. No caso da produção vocal de pessoas Trans, a voz nem sempre é um elemento suficiente de convencimento para o outro. De acordo com Azul e Hancock (2020), dependendo das forças socioculturais que moldaram os falantes, ouvintes e profissionais ao longo de suas vidas, os falantes podem se engajar em diferentes práticas de uso da voz, focando na produção de diferentes características vocais, mesmo que se identifiquem com a mesma categoria de gênero. Os ouvintes podem atribuir gêneros diferentes à mesma voz, e os profissionais terão diferentes entendimentos de como deve soar uma voz que representa um determinado posicionamento de gênero para o locutor, influenciando nas práticas profissionais.

Essa compreensão da voz como um produto discursivo é consistente com as teorias sociais e culturais do gênero, que enfatizam a importância da interação social na construção das identidades de gênero. A ideia de que o gênero é uma realização social sugere que não há nada intrinsecamente masculino ou feminino na voz. Em vez disso, a atribuição de um gênero à voz é uma prática social que pode variar dependendo do contexto cultural e social em que ocorre. Essa compreensão também destaca a complexidade e fluidez das

⁹ Sobre o conceito de agência, ver Serejo e Reis (2017).

identidades de gênero, em oposição a uma visão binária e fixa do gênero como masculino ou feminino.

Reflexões finais

Neste estudo, analisamos a construção vocal de pessoas com diversidade de gênero com base nos estudos bakhtinianos, os quais abordam a linguagem como um enunciado que reflete e refrata o meio social por meio de signos ideológicos. Com essas noções, propomos subverter o olhar fonoaudiológico sobre a voz, traçando sua trajetória como objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento. Entendemos o sujeito como constituído pelo uso da linguagem, enxergando na voz um índice de presença do sujeito (Kloss, 2018).

As inquietações sobre a voz se materializaram em queixas identitárias de pessoas trans sobre o desconforto com uma voz incongruente com seu gênero atual. O desejo de pertencer a um padrão socialmente estabelecido leva essa população a buscar atendimento fonoaudiológico, esperando alcançar timbres vocais que se encaixem na classificação binária de gênero. Observamos como o olhar clínico pode potencializar o sentimento de não pertencimento, visto que essas pessoas não se identificam com o gênero atribuído ao nascer e têm suas existências negadas quando apresentam características incongruentes, como no relato “minha voz entrega que sou trans”.

As discussões teóricas do Círculo de Bakhtin sobre linguagem e as considerações acerca da avaliação social no processo das relações dialógicas nos apoiaram na busca de uma nova perspectiva para a construção vocal de pessoas com diversidade de gênero. Compreendemos que essa construção é, sobretudo, social. A visão bakhtiniana (Brait, 2005) nos sustentou teoricamente para questionar a situação vocal (Azul, 2016) de pessoas trans.

Analisamos, assim, como as vozes se tornam generificadas por imposições sociais, considerando os impactos da avaliação social (Volóchinov, 2017) sobre corpos grotescos - termo utilizado por Bakhtin (1993) - e que desafiam o sistema social e suas normas. Embora Bakhtin relacione a voz a pontos de vista e não à expressão vocal (Dahlet, 2005; Bubnova, 2011), ele elaborou conceitos que nos permitem interpretar a atribuição do gênero vocal (no sentido de identidade).

Referências

- AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012, pp. 95-114.
- AZUL, David. Gender-related aspects of transmasculine people's vocal situations: insights from a qualitative content analysis of interview transcripts. **International Journal of Language & Communication Disorders**, v. 51, n. 6, pp. 672-684, 2016.
- AZUL, David; HANCOCK, Adrienne B. Who or what has the capacity to influence voice production? Development of a transdisciplinary theoretical approach to clinical practice addressing voice and the communication of speaker socio-cultural positioning. **International Journal of Speech-Language Pathology**, v. 22, n. 5, pp. 559-570, 2020.
- AZUL, David. How do voices become gendered? A critical examination of everyday and medical constructions of the relationship between voice, sex, and gender identity. In: **Challenging popular myths of sex, gender and biology**. pp. 77-88, 2013.
- AZUL, David. **Phononostalgia: A fictocritical investigation into discordant notions of 'voice' in speech and writing**. TEXT, v. 15, n. 1, p. 1-23, 2011.
- BAKHTIN, M. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. do russo Paulo Bezerra. 5.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. O autor e o herói. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. do francês Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M. **Problema da obra de Dostoiévski**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2022. 384 p.
- BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: A estilística**. Tradução, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Para uma filosofia do ato responsável**. Pedro & João Editores, 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. Yara Fratechi Vieira, 7. ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 1993.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Paulo Bezerra (Org., Trad., Posfácio e Notas); Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BARROS, Alana Dantas. **A relação entre a voz e expressão de gênero: a percepção de pessoas transexuais**. [Dissertação de mestrado] Brasília, 2017.

- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas, SP: Pontes, 2006 [1965a], p. 68-80.
- BRAIT, Beth. Alteridade, dialogismo, heterogeneidade: nem sempre o outro é o mesmo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 46, n. 4, p. 85-97, 2012.
- BUBNOVA, Tatiana; BARONAS, Roberto Leiser; TONELLI, Fernanda. Voz, sentido e diálogo em Bakhtin. *Bakhtiniana: revista de estudos do discurso*, v. 6, p. 268-280, 2011. Campus Araraquara, 2017.
- CAVARERO, Adriana. **Vozes plurais: filosofia da expressão vocal**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- DAHLET, V. A entonação no dialogismo bakhtiniano. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.
- DE BARROS FILHO, Clóvis; LOPES, Felipe; BELIZÁRIO, Fernanda. A construção social da voz. *Revista FAMECOS*, v. 11, n. 23, p. 97-108, 2004.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 168 p.
- FAVERO, Sofia Ricardo. (Des) epistemologizar a clínica: o reconhecimento de uma ciência guiada pelo pensamento cisgênero. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica*, v. 5, n. 13, p. 403-418, 2020.
- FLORES, Valdir do Nascimento. **A voz como objeto de uma antropologia da enunciação**. Working papers em linguística, Florianópolis, SC. Vol. 19, n. 2 (ago./dez. 2018), p. 35-53, 2018.
- KLOSS, Nina Paim. **Voz: um índice da presença do sujeito na linguagem no contexto da clínica dos distúrbios de linguagem**. [Dissertação de mestrado] Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.
- LOPES, Guacira L. **Um corpo estranho**. Ensaio sobre sexualidade e teoria queer. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- MEDVIÉDEV, P. **O Método Formal nos Estudos Literários**. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.
- MILANO, Luiza. **Fonético e fonológico em Saussure: o lugar do fônico no Curso de Linguística Geral**. *Eutomia*, v. 1, n. 16, p. 245-258, 2015.
- NEUMANN, Daiane. **Ensaio sobre a voz**. *Linguagem em (Dis) curso*, v. 18, p. 235-252, 2018.
- PARRET, H. **La voix et son temps**. Bruxelles: Éditions De Boeck Université, 2002.
- PRECIADO, Paul B. **Manifiesto contrasexual**. Anagrama, 2016.

SOUSA, Claudemir et al. A construção do sujeito trans nas vozes sociais que atravessam o discurso médico em A garota dinamarquesa. *Diálogo das Letras*, v. 9, p. e02014-e02014, 2020.

SPARGO, Tamsin. *Foucault e a teoria queer: seguido de Ágape e êxtase: orientações pós-seculares*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

SURREAUX, Luiza Milano. O rastro do som em Saussure. *Nonada: letras em revista*, v. 1, n. 20, p. 285-295, 2013.

VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

Artigo recebido em 30/06/2024 e aprovado em 28/07/2024.

DOI: <https://doi.org/10.26512/vozcen.v5i01.54578>

Para submeter um manuscrito, acesse <https://periodicos.unb.br/index.php/vozecena/>

ⁱ Isadora Bitencourt - Fonoaudióloga graduada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente Mestre e Doutoranda em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós Graduação em Letras da UFRGS. Pós Graduada em Intervenções Assistidas por Animais. Possui especialização em Atenção ao Paciente Crítico pelo programa de Residência Multiprofissional em Saúde do Grupo Hospitalar Conceição. Realizou estágio optativo em terapia da fala no Centro de Medicina de Reabilitação de Alcoitão - Portugal. Foi PICCAP do Hospital de Clínicas de Porto Alegre realizando aperfeiçoamento em avaliação e reabilitação de disfagia. Compôs a equipe do Ambulatório Trans de Porto Alegre/SMS. Atualmente é fonoaudióloga da Prefeitura Municipal de Alvorada, atuando no Centro Municipal Educacional de atendimento ao autista de Alvorada. isaannes@gmail.com.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3679354827274959>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-7705-4302>

ⁱⁱ This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

